

A ARTE DE MESTRE DIDI

Mestre Didi, Alapini, sacerdote supremo do culto aos ancestrais Egungun, através de sua atuação como artista obtém no ano de 2002, um merecido reconhecimento, convidado pela 23ª Bienal de S. Paulo, realizará uma amostra de 33 peças em sala especial ao lado de outras salas especiais do circuito das artes plásticas internacionais como Picasso, Goya, Andy Warhol, Paul Klee, Edward Munch, Tomie Ohtake e Louise de Bourgeois.

Nada mais significativo neste momento que homenagear um escultor de fama internacional, que ocupa no mundo das artes plásticas um lugar de originalidade impar.

Nascido de importante família originária de Ketú, os Axipá, que no Brasil se destacaram como fundadores e continuadores das tradições sagradas nagô, Mestre Didi é hoje um dos mais antigos e respeitados sacerdotes, possuindo dentre seus diversos títulos o de Assogba, supremo sacerdote do culto ao orixá Obaluayê e Alapini, supremo sacerdote do culto aos Egungun, ancestrais masculinos.

Imerso num mundo tradicional negro— africano transplantedo para o Brasil, e tendo tido oportunidade de estar várias vezes na África, onde vivenciou experiências históricas, como o reencontro com a família Axipá, o recebimento de significativo título dado a ele pelo Alaakerú,

rei de Ketú, além de ter realizado em Oyó a confirmação do seu título de Balé Nangô, Mestre Didi se situa visceralmente no âmbito da episteme estética da arte tradicional africana.

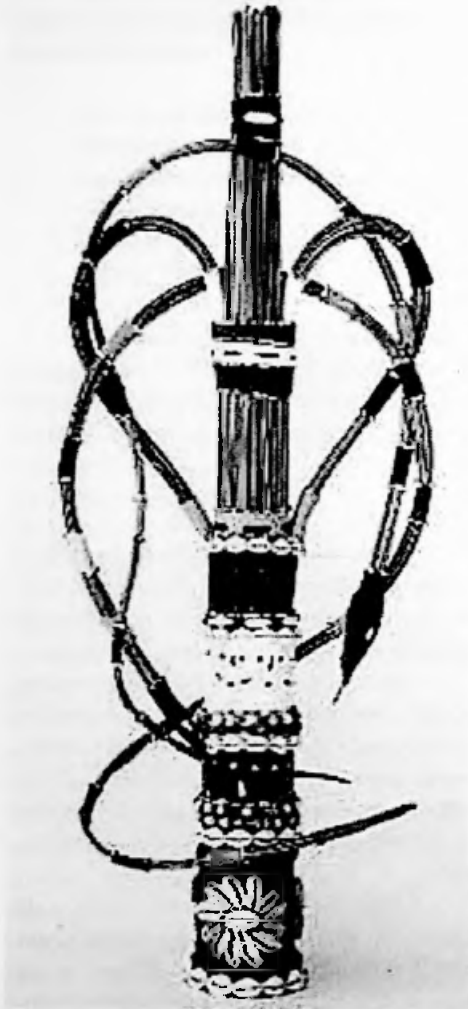
Essa arte é admirada em todo o mundo, a partir mesmo das referências à esplendorosa civilização do Egito antigo, marco da humanidade, e preenche os museus da Europa e EUA, influenciando sobremaneira a arte de diversos povos nos tempos modernos e contemporâneos.

A arte dos povos nagô ou iorubá, e de seus vizinhos e por assim dizer parentes, como os edo do reino de Benin; constituem-se em amostra de excelência da estética tradicional africana espalhada pelo mundo.

Essa estética se constitui principalmente de duas dimensões. Uma está ligada as homenagens rituais aos reis, chefes e heróis, na formação do culto aos ancestrais, principalmente a arte que é elaborada para os palácios.

A outra, visa a magnificar o sagrado no que se refere ao culto às forças da natureza, os orixás e, esta presente na arte elaborada para os templos e liturgias.

Tanto uma quanto outra se constitui como arte de representação de símbolos, visa a expressar conceitos que fazem parte de uma complexa visão de mundo.



Neste sentido, a arte escultórica e pictórica tradicional emerge dos altares, dos paramentos rituais, e também de elementos que compõem a arquitetura dos palácios e templos.

Um terreiro tradicional no Brasil congrega e condensa aspectos essenciais dos reinos e impérios; seus orixás e seus ancestrais.

Na condição de Assogba, Mestre Didi começou a fazer os emblemas sagrados dos orixá do panteão da Terra.

O xaxará, emblema de *Obaluaiyê*, e o ibiri emblema de *Nanã*, são feitos de matérias, possuem formas e cores que exprimem determi-

nados conceitos referentes a aspectos da visão de mundo que esses orixás representam.

As taliscas ou nervuras das folhas de palmeira enfeixadas em forma ventral são representações coletivas dos espíritos ancestrais. As superfícies em couro coloridas, caracterizam com sua cor, a qualidade de axé, princípio e força controlada pelo orixá. Búzios enfileirados representam ancestralidade, continuidade de linhagens, ciclo vital. As contas representam partículas desprendidas da qualidade de força do orixá, exprimem a dinâmica entre o aiyé, este mundo, e o orun, o além.

A forma de vassoura, demonstra que com o xaxará *Obaluaiyê* controla as doenças, ora afastando, limpando, recolhendo.

Rei dos espíritos do mundo, *Oba—oli—aiyé*, é sentinela e guardião dos valores da tradição. A lança, *exin*, é outro de seus emblemas.

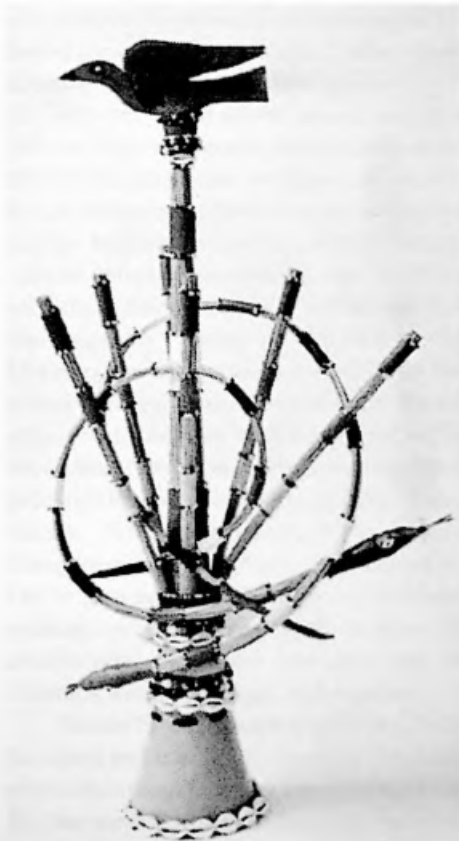
O ibiri feito de taliscas de palmeira enfeixados em forma ventral, caracteriza o princípio feminino regido pelo orixá *Nanã*. Ventre, terra restituída de matéria ancestral, constitui o ciclo vital.





Princípio de multiplicidade, variedade da vida, dos destinos, dinâmica do ciclo vital, arco-íris que emerge e retorna à terra, Oxumaré é outro orixá panteão da terra, irmão de Obaluaiyê e filho de Nanã. Ele é representado pelos emblemas de duas cobras.

As recriações de Mestre Didi, constituídas com os elementos desta arte sacra, demonstram a complexidade dos valores e significado da constelação dos orixás do panteão da terra.



A geometria vazada das suas esculturas atualiza e representa a dinâmica do vazio e do pleno, do visível e do invisível, integrando em sua expressão a dialética entre o orun, o além e o aiyê, o mundo concreto individualizado.

Na galeria Prova do Artista, o ibirí, o xaxari e ejo meji, duas cobras, abrem espacialmente uma amostra.

As demais esculturas expressam relações e conceitos estéticos do panteão dos orixás da terra como opa Ossain ati ejo meji, cetro de Ossâyin e duas cobras, igi iwin, o espírito da árvore, ejo Iorun e Dan, as cobras místicas, opa exin meta, cetro com três lanças, dentre outras.

Destilando a seiva nobre da tradição, recriando esculturas para o espaço das galerias, Mestre Didi expande sua cultura, com toda autenticidade e genialidade que o faz um artista contemporâneo que sem dúvida enriquece com sua originalidade o acervo estético do mundo das artes e enche de orgulho a identidade africano—baiana.

Elebogi ati Ilê Axipá.; Oju Oba ati Ilê Axé Opô Afonjá; Filósofo; Doutor em Comunicação; Pós-Doutorado em Ciências Sociais Paris V-Sorbonne-CEAQ-Centre D'Etudes sur L'actuel du Quotidien; membro das diretorias do INTECAB-Instituto Nacional da Tradição Afro-Brasileira e da SECNEB-Sociedade de Estudos da Cultura Negra no Brasil e da comunidade Ilê Axipá. Autor de diversos artigos e livros em destaque "Agadã: Dinâmica da Civilização Africano-Brasileira", "Do Tronco ao Opa Exin: memória da tradição afro-brasileira", "Cultura Negra em Tempos Pós-Modernos" e "Identidade Negra e Educação". Escultor de imagens da temática arte sacra afro-brasileira.